



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
RILLAIRY FAUSTINA RODRIGUES DA SILVA

**BATALHAS SONORAS: produções e negociações da juventude negra no
cenário do *rap* em Imperatriz/MA**

IMPERATRIZ-MA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
RILLAIRY FAUSTINA RODRIGUES DA SILVA

**BATALHAS SONORAS: produções e negociações da juventude negra no
cenário do *rap* em Imperatriz/MA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de
Ciências de Imperatriz da Universidade
Federal do Maranhão/ UFMA, como requisito
para obtenção do título de licenciada sob
orientação da Profa. Dra. Karina Almeida de
Sousa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

Orientador: Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa (UFMA)

IMPERATRIZ-MA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rodrigues da Silva, Rillairy Faustina.

BATALHAS SONORAS: : produções e negociações da
juventude negra no cenário do rap em Imperatriz/MA /
Rillairy Faustina Rodrigues da Silva. - 2025.
53 f.

Orientador(a): Karina Almeida de Sousa.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Ufma
Imperatriz, 2025.

1. Rap. 2. Diásporas. 3. Imperatriz. 4. Juventude
Negra. 5. Batalha de Rima. I. Almeida de Sousa, Karina.
II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

RILLAIRY FAUSTINA RODRIGUES DA SILVA

BATALHAS SONORAS: produções e negociações da juventude negra no cenário do *rap* em Imperatriz/MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas.

Aprovado em: 19/12/2025

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa
Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição
Avaliador Interno1
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras
Avaliador Interno 2
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ms. Engel Rodrigues Lima
Avaliador Externo 3
Universidade Federal de São Carlos

Dedico este trabalho ao hip hop maranhense, fonte de resistência e inspiração para muitos jovens negros no estado, e ao meu pai, cuja ausência física não impediu que sua presença permanecesse viva em minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Karina Almeida de Sousa, por imaginar e sustentar comigo este caminho de pesquisa.

Agradeço, carinhosamente, aos docentes do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia. Agradeço os professores que compõe a banca avaliadora deste trabalho, Engel Rodrigues de Lima (UFSCar), Rogério de Carvalho Veras (UFMA) e o Wellington da Silva Conceição (UFMA).

Agradeço, também, a todos que compõem a Batalha do Império, em especial Rodrigues, que colaborou mais de perto, e Pixel, que diariamente reinventam maneiras de fazer com que nossa cidade reconheça e valorize essa cultura afro-diaspórica e o hip hop. Por fim, agradeço Takezo por ter deixado esse legado, desejosa que Imperatriz um dia apoie nossos MCs com a oferta de estrutura que permita que o movimento das batalhas cresça cada vez mais.

Se tu ama essa cultura como eu amo essa cultura, grita: hip hop!

Anônimo

Respeita ou então chora.

Batalha da Marola

RESUMO

Esse trabalho analisa as batalhas de rima em Imperatriz (MA) como espaços de produção cultural, resistência e afirmação identitária da juventude negra. Partindo das raízes diaspóricas do hip hop e de sua circulação transnacional, a pesquisa contextualiza a presença do *rap* no Brasil, destacando sua função política e social desde a década de 1980. São apresentados elementos históricos, estéticos e simbólicos que constituem a cultura hip hop, relacionando-os à realidade da juventude periférica de Imperatriz. O estudo evidencia a influência central do *rap* nacional, especialmente Racionais MC's, Sabotage, Emicida e Don L na construção de repertórios críticos compartilhados pela juventude do interior maranhense. A partir de observação participante, entrevistas e análise documental, demonstra-se como as batalhas de rima de Imperatriz se configuram como espaços de sociabilidade, crítica política, disputa simbólica e construção de pertencimento racial. Também são apresentados dados demográficos que revelam o perfil racial da cidade e sua relação com os territórios periféricos de onde emergem os participantes. Como contribuições finais, o trabalho mostra que as batalhas constituem práticas de resistência cultural e modos de elaboração coletiva da experiência negra.

Palavras-chave: *Rap*; Diásporas; Imperatriz; Juventude negra; Batalha de rima.

ABSTRACT: This work analyzes rap battles in Imperatriz (MA) as spaces of cultural production, resistance, and identity affirmation for Black youth. Starting from the diasporic roots of hip-hop and its transnational circulation, the research contextualizes the presence of rap in Brazil, highlighting its political and social function since the 1980s. Historical, aesthetic, and symbolic elements that constitute hip-hop culture are presented, relating them to the reality of peripheral youth in Imperatriz. This study highlights the central influence of Brazilian rap, especially Racionais MC's, Sabotage, Emicida, and Don L, in the construction of critical repertoires shared by the youth of the interior of Maranhão. Through participant observation, interviews, and document analysis, it demonstrates how the rap battles of Imperatriz are configured as spaces of sociability, political critique, symbolic dispute, and the construction of racial belonging. Demographic data is also presented, revealing the racial profile of the city and its relationship with the peripheral territories from which the participants emerge. As final contributions, the work shows that the battles constitute practices of cultural resistance and modes of collective elaboration of the Black experience.

Keywords: Rap; Diasporas; Imperatriz; Black youth; Rap battle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Batalha do Império, Imperatriz, julho de 2023.....	4
Figura 2: Batalha da Marola, Praça Mané Garrincha, Imperatriz, agosto de 2017 ...	19
Figura 3: Batalha da Marola, Praça Mané Garrincha, Imperatriz, agosto de 2017 ...	20
Figura 4: Batalha da Marola, Beira rio, Imperatriz, junho de 2019	21
Figura 5: Primeiro Slam, Beira rio, Imperatriz, fevereiro de 2018.....	23
Figura 6: Classificatória Slam Maranhão, Beira rio, Imperatriz, maio de 2025	25
Figura 7: 2ª edição Versos em Movimento, Beira rio, Imperatriz, novembro de 2023	27
Figura 8: Festival da Juventude, Beira rio, Imperatriz, 23 de novembro de 2024.....	28
Figura 9: Festival da Juventude, Concha acústica da Beira rio, Imperatriz, novembro de 2024	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento das Batalhas de Rima organizadas no Estado do Maranhão no ano de 2025	5
--	---

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição da população jovem em Imperatriz (15 a 24 anos), a partir do sexo e da raça/etnia informadas ao CENSO-2022	16
---	----

SUMÁRIO

A RUA É O NOSSO LIVRO	1
1.2 Caminhos metodológicos e procedimentos de pesquisa	3
CAPÍTULO 1	7
CORPUS QUE RIMAM, TERRITÓRIOS QUE FALAM	7
1.1 O rap nacional: pilares da crítica social.....	11
CAPÍTULO 2	15
ENTRE VERSOS, RIMAS E TERRITÓRIOS	15
2.1 Versos e rimas em Imperatriz.....	18
2.2 Rap, identidade e movimento.....	22
CAPÍTULO 3	32
RIMAR PARA EXISTIR: JUVENTUDE NEGRA E AS BATALHAS	32
ISSO NÃO É O FIM, É O REFRÃO!.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICES	39
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA	39
APÊNDICE B - DICIONÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS	40

A RUA É O NOSSO LIVRO

A pesquisa “Batalhas Sonoras: produções e negociações da juventude negra no cenário do *rap* em Imperatriz/MA” buscou investigar as práticas culturais afro-diaspóricas expressas no movimento hip hop local, com ênfase no rap e nas batalhas de rima (*freestyle*) na principal cidade do sudoeste maranhense. Partindo do entendimento de que o hip hop é um movimento artístico com importantes vínculos políticos, tais como as tradições diaspóricas afro-americanas, cuja criação se inicia por volta de 1968 e ganha destaque nos anos 1970 como uma forma de resistência de jovens negros e periféricos. Seu foco era afastar esses jovens da criminalidade e promover sua união, servindo como uma arma de resistência e coesão. O movimento hip hop é constituído por práticas artísticas como o *rap* (a música), o *breakdance* (a dança) e o grafite (a expressão das artes visuais), entre outras expressões que formam sua base.

Neste trabalho, abordei a experiência cultural e política do hip hop em Imperatriz (MA), destacando as manifestações locais e sua articulação na luta contra a desigualdade racial, social e econômica, contribuindo para uma coesão comunitária. A pesquisa buscou responder à questão-chave: *como a juventude negra de Imperatriz/MA (re)elabora o cenário do rap através das batalhas sonora, a partir de elementos de resistência e negociação da identidade desses jovens?* Essa questão se desdobra nos seguintes objetivos específicos: interpretar as produções sonoras e as letras das batalhas de rap como forma de resistência cultural da juventude negra de Imperatriz (1); identificar as estratégias e os espaços utilizados pelos jovens negros na organização e participação das batalhas de *rap* (2); compreender como os jovens de Imperatriz se conectam com o cenário do *rap* nacional e internacional e de que modo essas referências influenciam suas produções (3).

O estudo se justifica pela relevância do *rap* como expressão cultural e política da juventude negra em Imperatriz/MA, um contexto marcado por desigualdades sociais, racismo estrutural e invisibilidade acadêmica. Enquanto a capital São Luís já possui registros e pesquisas sobre o movimento hip hop, a cena de Imperatriz permanece pouco explorada, apesar de seu crescimento e importância no sul do Maranhão.

Dessa forma, investigar as batalhas de rima locais contribui para valorizar

práticas culturais afro-diaspóricas, compreender os processos de resistência e negociação identitária da juventude periférica e ampliar o debate acadêmico sobre culturas urbanas na região. Além disso, a pesquisa busca documentar e fortalecer a cena emergente, reconhecendo seu papel formativo, educativo e político para a cidade e para o estado.

Essa evolução histórica demonstra como o movimento se enraizou na cidade, transformando-se em referência cultural e política para a juventude negra. Dessa forma, destaco a importância do *rap* enquanto forma de agenciamento cultural e resistência cotidiana, reforçando sua relevância como objeto de estudo acadêmico e político. Em um contexto em que ainda são escassos os trabalhos dedicados ao tema na região, o projeto busca contribuir para a valorização das culturas juvenis negras e para a compreensão das dinâmicas sociais que atravessam o território urbano de Imperatriz.

A investigação sobre a relação entre as práticas culturais diaspóricas e a “identidade maranhense” busca reunir estudos em andamento e novas pesquisas ligadas às práticas expressivas culturais negras no estado, com ênfase em Imperatriz. A pesquisa procurou compreender como essas práticas foram traduzidas e re-elaboradas pela população negra, adaptando-se a diferentes contextos (locais e regionais) e conjunturas políticas, evidenciando a presença da diáspora africana no Maranhão.

Nesta pesquisa adotei o termo “batalhas sonoras” para me referir às batalhas de rima realizadas na cidade. Essas batalhas operam como espaços de criação artística, crítica social e construção de redes coletivas. A origem da palavra “batalha”, no contexto do hip hop, vem dos guetos do Bronx, Nova York, na década de 1970, onde o hip hop emergia como um mecanismo de sobrevivência e civilidade. Dessa forma, a palavra *battle* (batalha) simbolizava a troca da violência física e territorial por rimas, por meio do MCing (mestre de cerimônia) em rodas, assim como também na dança, como o *breaking*.

O termo “negociações” refere-se ao processo constante de articulação a partir de similaridades e de diferenças na constituição das identidades e do pertencimento dos jovens negros, tanto no cenário do *rap* quanto fora dele. Envolve questões de reconhecimento que refletem os estereótipos e o preconceito impregnado, tendo influência desde a origem do gênero. Negociar é tratar dos assuntos que a juventude negra enfrenta, como as expectativas sociais

e raciais, ao mesmo tempo, em que se apropriam do *rap* como expressão e forma de luta de suas histórias. Dentro desse contexto, parte da história é contada e repassada pelos próprios membros do movimento e por mim, que, além de pesquisadora, participante ativa dessa cena.

Em Imperatriz (MA), observo que o rap vem assumindo um papel central na articulação cultural e política da juventude negra, tornando-se espaço de expressão das desigualdades e, ao mesmo tempo, de fortalecimento identitário. Inspirado por referências nacionais e internacionais, tais como Racionais MCs, Sabotage, Emicida, Don L e outros, o rap em Imperatriz constrói um campo de disputas simbólicas e materiais no qual se negociam pertencimentos, afetos e reivindicações sociais.

1.2 Caminhos metodológicos e procedimentos de pesquisa

Minha participação e interesse no movimento surgiu em 2023, quando recebi a oportunidade de colaborar com os meninos da batalha no Instagram e na organização geral, conforme as necessidades, mas o foco era a rede social Instagram. O convite surgiu porque eu já administrava alguns perfis no Instagram, como o da União da Juventude Socialista (UJS) Imperatriz, a partir dessa ponte, estive aberta a colaborar aos poucos com o criador da Batalha, Rodrigues. E assim se iniciou o processo dentro do movimento que utilizou como técnica metodológica principal a observação participante, realizada a partir da inserção da autora/pesquisadora no movimento hip hop de Imperatriz. A pesquisa também contou com as técnicas de entrevistas abertas e o uso de fotografias, tanto produzidas pela autora quanto registros feitos por terceiros, no caso, os próprios participantes das batalhas.

Outro aspecto metodológico relevante foi minha atuação como integrante do próprio movimento, desempenhando funções de organização, criação de *flyers* e divulgação semanal da Batalha do Império. Essa inserção ativa possibilitou uma compreensão aprofundada das dinâmicas internas do campo pesquisado e reforçou a perspectiva etnográfica adotada ao longo do estudo.

A Batalha do Império, criada em 24 de julho de 2022, passou a contar com meu apoio a partir de 9 de junho de 2023, data do meu primeiro post, que marcou o início de uma nova identidade visual. A legenda foi: “Temporada 23/24 (11/06 até 20/04). De cara nova, iniciaremos a nova temporada da Batalha do Império!”.

Figura 1: Batalha do Império, Imperatriz, julho de 2023.



Fonte: *Instagram:* @batalhado.imperio. Publicado em 09 jul. 2023. Descrição: minha primeira postagem na rede social do império.

A pesquisa de campo teve início em 17 de maio de 2024 quando foram definidos os objetivos, foi estruturado o projeto e organizadas as estratégias de coleta de dados. A primeira ida a campo de forma orientada pelos objetivos da pesquisa, aconteceu em 08 de setembro de 2024 durante a Batalha da Tropa, evento conjunto à Batalha do Império. As batalhas funcionam como espaços de acolhimento, aprendizado político e articulação coletiva, mesmo em um contexto de escassez de políticas públicas culturais. A partir de um mapeamento das Batalhas de Rima realizadas no Maranhão, obteve-se o seguinte quadro:

Quadro 1: Levantamento das Batalhas de Rima organizadas no Estado do Maranhão no ano de 2025

Batalha	Município
Batalha do Império	Imperatriz
Batalha do Rayo (Batalha da Tropa)	Imperatriz
Batalha dos Crias Maiobão	Paço do Lumiar
Batalha da Fronteira	Bom Jesus das Selvas
Batalha do Viva	Itapecuru Mirim
Batalha da ZS	Açailândia
Batalha da FS	Açailândia
Batalha da Cultura	Açailândia
Batalha da Vila Ildemar	Açailândia
Batalha de Rima	Codó
Batalha do Mearim	Bacabal
Batalha do CT	Timon
Batalha da COHAB	São Luís
Batalha do Participa	São Luís
Batalha da CO	São Luís
Batalha do Ipem	São Luís
Batalha da EIT	São Luís
Batalha do QI	São Luís
Batalha da VP	São Luís
Batalha Santa Rosa	São Luís
Batalha na Praça	São Luís

Fonte: Rillairy Faustina Rodrigues da Silva, 2025

O quadro acima foi feito a partir de meus conhecimentos e contatos das batalhas do estado do Maranhão, ele descreve a organização e a distribuição das batalhas de rima realizadas e organizadas no estado em 2025. Nota-se que, em São Luís, que a manifestação do subgênero do hip hop é mais forte em comparação às outras cidades do estado, o que consequentemente também se reflete nas pesquisas sobre o tema no estado. Isso se dá pela maior consolidação do hip hop no estado e por maior circulação cultural.

No desenvolvimento da pesquisa, realizei entrevistas abertas e semiestruturadas com MCs, organizadores e produtores culturais, o que possibilitou reunir narrativas, trajetórias pessoais e percepções sobre o funcionamento das batalhas e da cena local. Entre os entrevistados destacam-se Hadriel Moura Rodrigues (Rodrigues), MC, criador da Batalha do Império e um de seus organizadores; Cleverton Alves Cunha (Pixel), produtor, organizador e MC; Thiago Silva (Cegão), MC da batalha; e Myrlla Conceição Ribeiro Santos Aguiar (Sol/Sollamya), produtora cultural, poeta e organizadora do Slam Odara e do Slam Maranhão.

Além das entrevistas, acompanhei eventos centrais em diferentes

momentos, como a Batalha da Tropa (08 de setembro de 2024), a Batalha do Império edição Halloween (16 de outubro de 2024), a Batalha do Império (30 de outubro de 2024), o evento Pré-Bienal (26 de janeiro de 2025) e o *Slam* Maranhão (28 de abril de 2025). Cada um desses momentos contribuiu de forma singular para a compreensão do cenário local, permitindo observar dinâmicas organizacionais, performances, públicos e disputas simbólicas que atravessam as batalhas.

Somada à observação participante, elaborei um levantamento bibliográfico a partir das seguintes palavras-chave: hip-hop e *rap*; batalhas de rima; juventude negra; *rap* e Maranhão; hip-hop e Brasil; juventude negra e o *rap*; juventude negra e o *rap* no Maranhão. A partir desse levantamento, identifiquei autores e autoras que oferecem bases teóricas fundamentais para compreender as dimensões políticas, culturais e identitárias do *rap*, como Hermano Vianna, com a obra *O Mundo Funk Carioca*; Regina Novaes, em *Juventude e Periferia: Identidades e Representações Sociais* (2003); Heloísa Buarque de Hollanda; Liv Sovik, em *Aqui Ninguém é Branco* (2009); Aqueline, em *Negro, Jovem e Hip-Hopper: História, Narrativa e Identidade em Sorocaba* (2011); e Rosenverck, em seu artigo *A História do Hip-Hop em São Luís do Maranhão: Periferização da Cidade e Resistência Político-Cultural da Juventude Negra nos Anos 1990*. Esses referenciais foram mobilizados para refletir sobre as especificidades da experiência da juventude negra no contexto de Imperatriz (MA), contribuindo para uma análise crítica e contextualizada do cenário local. Após a produção dos dados, iniciei a etapa de análise, seguida pela sistematização e pela redação do trabalho. Esse percurso evidencia o caráter processual da pesquisa, desenvolvida em constante diálogo com o campo empírico.

CAPÍTULO 1

CORPUS QUE RIMAM, TERRITÓRIOS QUE FALAM

O hip hop, e em específico o *rap*, transcende suas origens e se adapta a diferentes localidades, assumindo um papel importante por onde passa, como afirma Luciana Soares (2017) no texto "O *rap* - Um movimento cultural global?" o *rap* se adapta a diferentes localidades e assume um papel importante por onde passa.

Compreendo o hip hop como uma cultura afrodescendente, originada a partir das experiências históricas, culturais e musicais da diáspora negra. Conforme Tricia Rose (1994) e Luciana Soares (2017), trata-se de uma linguagem que emerge das periferias urbanas como resposta às desigualdades raciais e sociais, sendo constantemente reelaborada em contextos locais, como ocorre em Imperatriz (MA). Seu subgênero, o *rap*, apresenta alguns de seus primeiros vestígios estilísticos e performáticos na Jamaica por volta da década de 1960. Essa afirmação está diretamente relacionada às raízes do hip hop e à influência da cultura jamaicana nos Estados Unidos, sobretudo por meio da migração de jamaicanos para Nova York nas décadas de 1960 e 1970.

A Jamaica exerceu uma influência indireta, principalmente por meio do *toasting*, prática musical considerada precursora do *rap*. O *toasting* consistia em um *DJ* ou artista falando de forma rítmica e improvisada sobre uma base instrumental e surgiu na Jamaica na década de 1960, com figuras como U-Roy (1942–2021) e King Stitt (1940–2012), que influenciaram diretamente a cultura musical que migrou para os Estados Unidos, conforme aponta Norman C. Stolzoff (2000). A diáspora comprova, assim, que a música viaja pelas pessoas.

Logo, o *toasting* é uma prática musical jamaicana surgida nos anos 1960 e reconhecida como uma das raízes do *rap* e do hip hop. Consiste em um *DJ* ou artista falando ou cantando de forma rítmica e improvisada sobre uma base instrumental, geralmente associada ao *reggae* ou ao *dub*. Essa técnica envolve rimas, jogos de palavras e uma interação dinâmica com a música, criando uma espécie de “conversa” com o público. É nesse contexto diaspórico e de circulação cultural que a figura do *Disc Jockey (DJ)* se consolida como central na história da música das ruas.

Personagens como U-Roy, um dos pioneiros do *toasting*, destacaram-se por suas rimas fluidas, criativas e pela forma inovadora como dialogavam com as bases instrumentais do *reggae*, contribuindo diretamente para a consolidação do *dancehall*

jamaicano. U-Roy ampliou as possibilidades da voz falada dentro da música, influenciando práticas que, mais tarde, se tornariam fundamentais para o *rap*. Outro nome relevante é King Stitt, reconhecido por seu papel na popularização do *toasting* e por sua presença nos *sound systems* nas décadas de 1970 e 1980, ajudando a estruturar essa prática musical no espaço urbano. Já Big Youth, nascido em 1949, tornou-se referência pelas letras engajadas que abordavam questões sociais e políticas, desenvolvendo um estilo próprio que reforçou o potencial crítico dessa prática.

Essa prática atravessou o Caribe e chegou aos Estados Unidos por meio da migração jamaicana, tendo em figuras como Kool Herc um elo fundamental entre o contexto jamaicano e a cena urbana do Bronx. Sem a Jamaica, o *rap* como conhecemos não existiria. Ainda assim, é importante destacar que o *rap*, enquanto elemento do hip hop, consolidou-se no Bronx, em Nova York, na década de 1970, com *DJs* como Kool Herc, jamaicano nascido em 1955 que migrou para os Estados Unidos, promovendo festas de rua e introduzindo o conceito de *breakbeats*, além da atuação de MCs que falavam sobre as músicas, conforme aponta Tricia Rose (1994).

Nota-se que a figura do *Disc Jockey(DJ)* é, em muitos sentidos, a própria história da música das ruas. Esse processo iniciou nos anos 1970, no Bronx, quando *DJs* reuniam pessoas nas *block parties* e utilizavam dois toca-discos para estender as batidas e manter o público dançando. Kool Herc e Grandmaster Flash foram muito mais do que indivíduos que apenas colocavam música. Eles criaram técnicas como o uso dos *breakbeats*, a manipulação dos toca-discos e a ampliação rítmica das faixas, testaram sons e deram início ao hip hop como o conhecemos hoje. O *DJ* ocupava o centro da comunidade, sendo responsável por criar o clima, mediar os encontros e organizar as festas de rua.

Nos anos 1980, essa cultura se expandiu para os clubes de Nova York e Chicago. *DJs* como Larry Levan e Frankie Knuckles demonstraram que tocar música também significava contar uma história na pista, conduzindo a energia do público ao longo da noite. O vinil dominava esse período, e o trabalho do *DJ* envolvia uma busca constante por discos raros capazes de surpreender o público. Ser *DJ* já representava uma combinação de pesquisa musical, sensibilidade e paixão. Nos anos 1990 e 2000, com a chegada da era digital, o uso de CDJs, softwares e controladoras transformou novamente esse cenário. A música eletrônica se expandiu, novos estilos surgiram e muitos *DJs* passaram a produzir suas próprias músicas, abrindo caminho para grandes

festivais e para a consolidação do *DJ* como artista completo.

Atualmente, o *DJ* é artista, performer, pesquisador musical e comunicador. Está presente nas ruas e nas batalhas. Da agulha no vinil às controladoras digitais, o *DJ* permanece como elemento essencial. Nesse horizonte histórico, a arte negra passa a ser compreendida como prática de autorrepresentação, resistência e reinvenção identitária, constituindo um legado que atravessa fronteiras nacionais e influencia diretamente as formas de organização cultural da diáspora africana nas Américas.

O Mestre de Cerimônia (MC), atualmente, nas batalhas de rima, exerce a função de coordenar tanto a dinâmica da disputa quanto a interação com a plateia como um todo. Historicamente, essa função não se altera em sua essência, apenas muda de cenário. O *rapper*, por sua vez, atua como o poeta das letras e pode também desempenhar o papel de MC. Assim, todo *rapper* pode ser um MC, mas nem todo MC necessariamente se constitui como *rapper*. Ser essas figuras no Brasil confirma a presença diaspórica, como afirmam Sousa e Silva

O MC/*rapper* e o seu estilo musical, o *rap*, são herdeiros de uma tradição da cultura de luta e resistência que se propagou para o mundo a partir da diáspora africana e imigração latina. Do final do século XVIII ao alvorecer do século XX, a música dos afrodescendentes e latinos tem sido utilizada como um importante elemento aglutinador da cultura negro-mestiça nas Américas. Ela difundiu hábitos, preservou tradições e consolidou costumes. Dos *work songs* aos *spirituals*, do *blues* ao *jazz*, do *soul* ao funk, do samba ao *rap*, em maior ou menor escala, cada um desses estilos musicais constituiu uma base de resistência às hostilidades que os negros, latinos e pobres sofreram longe de suas terras natais (SOUSA, 2009 *apud* R. S. SILVA, 2012, p. 43).

No Brasil, compreendo que esse legado encontra terreno fértil em contextos marcados pelo racismo estrutural, pela desigualdade social e pela marginalização das juventudes negras urbanas, onde a arte assume papel central na elaboração de identidades e na denúncia das opressões cotidianas. Assim como no Renascimento do Harlem, movimento cultural afro-americano ocorrido entre as décadas de 1910 e 1930, nos Estados Unidos, marcado pela valorização da produção artística, intelectual e política negra como estratégia de enfrentamento ao racismo e de afirmação identitária entendo que a produção artística se torna ferramenta de emancipação simbólica e política, permitindo que sujeitos historicamente silenciados construam suas próprias narrativas e ganhem voz.

É nesse fluxo diaspórico contínuo que o hip hop, enquanto linguagem artística e política, se reatualiza no cenário brasileiro e, posteriormente, em realidades locais como Imperatriz (MA), onde a juventude negra passa a se apropriar do *rap* como forma

de expressão, pertencimento e enfrentamento das desigualdades raciais e sociais. A partir disso, o *rap* se tornou a maior expressão musical do hip hop, misturando poesias e repertórios de improviso com música. O movimento cresceu no Brasil, os primeiros registros analisados pela academia iniciaram em São Paulo nos anos 1990 com as rodas de *break* em estações de metrô e praças

A ascensão de grupos como Racionais MC's (grupo brasileiro de rap) e artistas como Sabotage (1973 - 2003), artista brasileiro de *rap*, trouxeram maior visibilidade ao *rap*, levando pesquisadoras e pesquisadores a dedicarem mais atenção às suas implicações sociais e culturais, incorporando o *rap* em seus estudos sobre cultura marginal e periférica. Os *rappers* costumavam cantar com palmas e batidas em caixas de som, expressando indignações e denúncias em forma de versos. Como afirma Ribeiro (2006, p. 4), "este segmento social de jovens urbanos periféricos passa a constituir o movimento hip hop como o seu meio de expressar suas agruras, suas reivindicações, suas denúncias [...]".

A análise selecionada considera o impacto cultural, político e social dessa expressão cultural, contestando os grupos marginalizados desde sua origem. O termo "batalhas sonoras" refere-se às batalhas de *freestyle*, melhor dizendo, batalhas de rima, em que MCs, como gostam de serem chamados, competem na improvisação, como no *Freestyle Master Series* (FMS), que é a maior comunidade de *freestyle* do Brasil. Em diálogo com Tricia Rose (1994) e Regina Novaes (2003), essas batalhas podem ser compreendidas como arenas de produção de narrativas próprias, nas quais jovens historicamente silenciados elaboram críticas às desigualdades raciais e sociais a partir de suas experiências cotidianas.

As improvisações e repertórios usados pelos MCs representam uma forma de expressão cultural e de resistência, muitas vezes abordando temas como a realidade social e outras questões que fazem parte da vivência da juventude, particularmente da juventude negra em Imperatriz, onde as fontes e levantamentos prévios não localizou trabalhos relacionados.

O *rap*, para quem participa, vai além das batalhas que ocorrem semanalmente. Por estar inserida dentro do movimento, pude notar que nasce o sonho de se tornarem grandes na cena e representar o continente em competições nacionais e até mesmo em produções musicais. Compreendo, assim, que o gênero não é apenas um estilo musical, mas também uma ferramenta de voz e transformação social e política. Racionais MC's (grupo brasileiro de *rap*), Eminem (artista americano de rap), Tupac

Shakur (1971 - 1996) (artista americano de *rap*), Sabotage (artista brasileiro de *rap*), Emicida (artista brasileiro de *rap*) e Don L (artista brasileiro de *rap*) aparecem como referências constantes, inspirando não apenas as rimas, mas também a postura e a identidade dos participantes.

1.1 O rap nacional: pilares da crítica social

No cenário nacional, o grupo Racionais MCs se estabeleceu como o pilar fundamental e o corpus mais significativo para a análise da crítica social e do discurso contra hegemônico no *rap* brasileiro. Sua trajetória, iniciada em 1988, é marcada pela apropriação do gênero como uma ferramenta de denúncia sociopolítica da realidade marginalizada. Por meio de uma lírica crua e direta, o grupo realiza um trabalho de afirmação identitária da juventude negra e periférica, confrontando o racismo estrutural e a violência de Estado. O álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) é frequentemente citado como uma peça-chave na sociologia brasileira, extrapolando o campo musical para se firmar como um registro histórico (ROSA, 2023). No cenário internacional, o grupo é reconhecido por sua autenticidade e poder narrativo, atuando como uma referência fundamental para o entendimento do *rap* como voz de protesto no Sul global e em pesquisas sobre o hip hop brasileiro.

Essa centralidade dos Racionais MC's na crítica social e na formulação estética do *rap* brasileiro é amplamente analisada pela produção acadêmica dedicada ao grupo, que aprofunda o entendimento de suas escolhas poéticas e políticas. O artigo “Elementos para a crítica da estética do Racionais MC's (1990-2006)” de Boni e Medeiros (2009), demonstra, por meio da análise das faixas “*Hey Boy*” (1990), “Homem na Estrada” (1993), “Capítulo 4, versículo 3” (1997) e “Negro Drama” (2002), como o grupo constrói um projeto estético coerente e sistemático. O texto mostra que cada uma dessas músicas mobiliza recursos narrativos, imagens urbanas e estruturas rítmicas que funcionam como ferramentas de denúncia e reflexão, estruturando uma estética própria da periferia.

A análise aponta, por exemplo, que “Homem na Estrada” opera como uma crônica-narrativa em que a trajetória individual do personagem revela a engrenagem coletiva da violência estrutural, enquanto “Negro Drama” articula, de modo contundente, a memória da escravidão e a experiência contemporânea do racismo, oferecendo uma síntese lírica que se tornou referência em estudos sobre a identidade

negra no Brasil. Racionais MC's é o hip hop brasileiro.

Mauro Mateus dos Santos, o Sabotage, se destaca por ser uma figura central na produção cultural da periferia paulistana, sendo aclamado *post-mortem* por sua singularidade rítmica e lírica. Seu trabalho foi e é um exemplo de como o *rap* pode funcionar como um mecanismo de micropolítica e autonarrativa, traduzindo a complexidade do cotidiano marginalizado em crono-narrativas autênticas. Seu único álbum de estúdio, "*Rap É Compromisso!*" (2000), demonstra uma habilidade técnica e um *flow* que reafirma seu destaque internacional. Sabotage é cultuado no *underground* global da cultura hip hop. Seu reconhecimento transcende as barreiras geográficas, precisamente, pela sua verdade inquestionável e pelo seu estilo não replicável, o que gera surpresa e profunda admiração em círculos artísticos de outros países. Ele é visto como um ícone da resistência estética vinda de um contexto periférico, onde muitos brasileiros ainda tem o chá revelação do fato dele ser brasileiro e ainda, sim, ser conhecido e respeitado no cenário global.

Emicida (Leandro Roque de Oliveira) representaria a expansão e a hibridização do *rap* nacional. Ele se destaca por incorporar e dialogar com a ancestralidade africana, a Música Popular Brasileira (MPB) e o samba, trazendo uma ressignificação estética que amplia o alcance do gênero sem deixar o empoderamento da juventude negra de lado e nem a dimensão política do gênero. Ao nível internacional, Emicida é o nome que melhor estabelece um diálogo transnacional pelo *rap* brasileiro, isso porque seus projetos são ferramentas de visibilidade e afirmação da cultura negra brasileira, sendo uma voz que consegue equilibrar o engajamento social com a sofisticação artística.

Don L (Donald Luiz da Silva Júnior) se insere no cenário do *rap* como um intelectual e um pensador do gênero. Podemos afirmar que suas letras se distanciam da narrativa direta para focar na reflexão conceitual, política e filosófica, o que pode ser classificado como "*rap* geopolítico", analisando a luta de classes, a formação social e o futuro a partir de uma perspectiva de vanguarda. Don L se destaca pela sofisticação de seu discurso e pela complexidade temática, sendo menos focado no consumo de massa e mais na produção de sentido crítico. Embora seu alcance de público possa ser menor, ele é altamente respeitado em círculos intelectuais e de crítica musical internacional por sua perspicácia e profundidade lírica, representando a faceta mais conceitual e inovadora do *rap* brasileiro contemporâneo.

A Batalha de Rima ganhou notoriedade internacional quando os MCs

começaram a assumir um papel central nas festas de rua do Bronx. Com o passar do tempo, essa disputa verbal passou a ser um elemento fundamental da cultura hip hop. O movimento teve sua chegada mais significativa no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, com destaque para sua presença em importantes centros urbanos, como São Paulo, particularmente na Estação São Bento, e no Rio de Janeiro. No entanto, foi a partir da década de 2000 que o formato das batalhas de rima de rua se tornou oficial e ganhou popularidade. A Batalha do Tanque, no Rio de Janeiro, e outros eventos inovadores serviram como modelo para a realização de competições em espaços públicos em todo o país.

No maranhão, o movimento se inicia em São Luís por volta de 1980, no mesmo ano que São Paulo “apresentou” essa cultura para o Brasil, a partir de influências vindas de videocliques, filmes, discos, revistas, transparecendo a diáspora musical afro-norte-americana para o país, bem como dos movimentos sociais e artísticos que influenciaram diretamente na constituição do cenário do hip hop. Segundo Dias (2002), os filmes *Flashdance* e *Breakin'* (conhecido no Brasil como *Break Street*) despertaram o interesse dos ludovicenses. Rosenverck, em seu artigo “A História do Hip-Hop em São Luís do Maranhão: Periferização da Cidade e Resistência Político-Cultural da Juventude Negra nos Anos 1990”, reforça que esse interesse foi impulsionado pela dança, com os bairros Liberdade, Monte Castelo, Cohab e Maiobão.

O bairro da Liberdade, em São Luís, é considerado o maior quilombo urbano das Américas, surgindo historicamente como espaço de refúgio, sociabilidade e reorganização da população negra, especialmente de descendentes de africanos escravizados e de migrantes oriundos de territórios quilombolas do interior do Maranhão. Conforme demonstra Vale (2024), a consolidação da Liberdade como quilombo urbano não se deu apenas por critérios territoriais, mas sobretudo a partir das práticas culturais, religiosas e associativas que estruturaram a memória coletiva e a identidade quilombola no espaço urbano.

Nesse sentido, o bairro se constitui como um território de resistência ativa, no qual manifestações como o tambor de crioula, o bumba meu boi, os terreiros de matriz africana e outras práticas culturais operam como mecanismos de afirmação identitária e de reivindicação política, fundamentais para o processo de reconhecimento oficial ocorrido em 2019. A autora destaca que essas ações coletivas foram decisivas para a autodefinição do território enquanto quilombo urbano, reforçando o papel do

associativismo negro na construção do pertencimento e da legitimidade histórica da Liberdade (VALE, 2024). Hoje, o bairro é reconhecido como símbolo de resistência e cultura afro-brasileira, articulando tradição, memória e agência política no contexto urbano de São Luís.

A Cohab, criada nos anos 1970, foi um dos primeiros conjuntos habitacionais de São Luís, projetado para atender à demanda por moradia popular, mas hoje enfrenta desafios como infraestrutura precária. Por fim, o Maiobão, na região metropolitana, cresceu rapidamente a partir dos anos 1980, com forte presença cultural, como o bumba meu boi, mas também problemas de infraestrutura. A Liberdade se destaca como o mais simbólico, representando a luta e a resistência da população negra, sendo um espaço vital para a preservação das tradições afro-brasileiras. Esses bairros refletem a diversidade e as complexidades de São Luís.

Em Imperatriz, esse processo de apropriação do hip hop e das culturas urbanas periféricas ocorre em um contexto marcado pela expansão urbana acelerada, pelas desigualdades socioespaciais e pela forte presença da juventude negra nas bordas da cidade. Assim como em São Luís, o rap, as batalhas de rima e outras expressões do hip hop passam a operar como linguagens de sociabilidade, denúncia e afirmação identitária, reinscrevendo a cidade a partir das experiências da periferia e preparando o terreno para a emergência de cenas locais de resistência cultural.

CAPÍTULO 2

ENTRE VERSOS, RIMAS E TERRITÓRIOS

Em Imperatriz as batalhas de rima ocorrem na Beira Rio, uma região de grande movimentação da cidade. Situada na região da Amazônia Oriental, no interior do Maranhão, Imperatriz integra a Amazônia Legal e se destaca como um importante polo urbano e econômico, marcado por desigualdades sociais e regionais. Nesse contexto, a cidade abriga uma juventude, majoritariamente negra e periférica, que enfrenta os efeitos combinados do racismo, das desigualdades de classe e das opressões de gênero. Essa juventude, muitas vezes invisibilizada nas políticas públicas e nos estudos acadêmicos, encontra no *rap* uma ferramenta potente de expressão e resistência. Compreendo neste trabalho a juventude negra como um grupo social atravessado por desigualdades raciais, territoriais e econômicas, mas também como sujeito ativo na produção cultural e política. Em consonância com Novaes (2003) e Aqueline (2011), entende-se que esses jovens constroem identidades em constante negociação, utilizando o *rap* e as batalhas de rima como formas de expressão, reconhecimento e enfrentamento do racismo estrutural presente no espaço urbano.

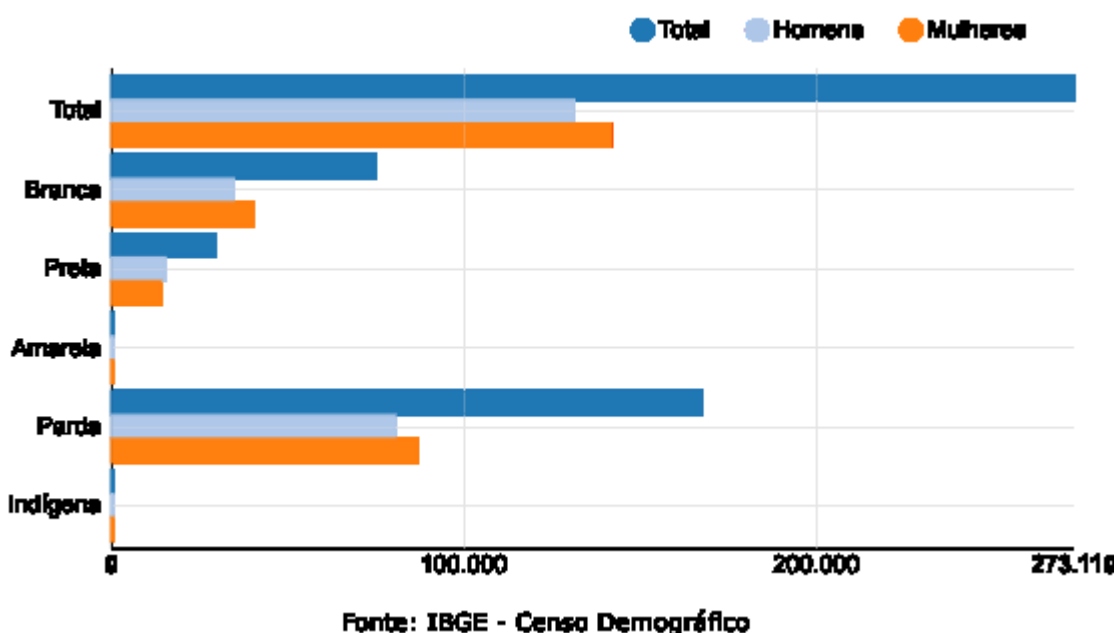
A cidade faz parte da Amazônia Oriental, que Becker (1995) define como Macrorregião de Povoamento Consolidado, caracterizada por apresentar as maiores taxas de renda per capita e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região amazônica, onde a produção predomina sobre a conservação, e representa o cerne da economia regional integrado ao tecido produtivo nacional. Imperatriz é localizada no sudoeste maranhense, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é uma cidade média como capital regional C e é inserida na área de Amazônia Legal. Geograficamente, a cidade é uma fronteira, ou seja, região fronteira que "conversa" com os estados do Pará (PA) e Tocantins (TO), se tornando referência em suas respectivas regiões geográficas intermediárias.

A relevância da localização de Imperatriz é explicitada por um grande portal na entrada da BR-010 com a inscrição: "Bem-vindo a Imperatriz, o Portal da Amazônia". Esse monumento, que inclui uma grande tora de madeira, serve como uma metáfora da concepção de desenvolvimento local e da relação estabelecida com a natureza. Essa narrativa de desenvolvimento foi fortemente impulsionada pela construção da BR-010 (Belém-Brasília) entre 1956 e 1961, um empreendimento federal que visava

conectar a Amazônia Brasileira ao restante do país e ao circuito da economia global. O desenvolvimento da região é marcado pela rodovia, deixando para trás as formas de relacionamento materiais e simbólicas que existiam antes, como o próprio Rio Tocantins. Tendo um discurso capital centrista, o foco é propagar a matriz industrial como a única forma para o progresso.

Ocupando uma posição estratégica como polo econômico e urbano da região, isso influencia nos fluxos migratórios e concentração de uma população majoritariamente negra. De acordo com dados do Censo Demográfico de 2022 do IBGE, o município possui uma população total de 273.110 habitantes. Desse contingente, 167.244 pessoas se autodeclararam pardas, o que corresponde a aproximadamente 61,2% da população, enquanto 29.542 pessoas se autodeclararam pretas, cerca de 10,8%. Somadas, as pessoas autodeclaradas pretas e pardas totalizam 196.786 habitantes, representando mais de 72% da população do município. A população branca corresponde a 75.090 pessoas, aproximadamente 27,4%, enquanto os demais grupos apresentam percentuais residuais. Segue o gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Distribuição da população jovem em Imperatriz (15 a 24 anos), a partir do sexo e da raça/etnia informadas ao CENSO-2022



Para além da caracterização geral da população do município, é fundamental observar o recorte etário da juventude, compreendida neste trabalho como o grupo

situado entre 15 e 24 anos. Esse intervalo, amplamente adotado em estudos demográficos e políticas públicas, permite visualizar de forma mais precisa o perfil dos sujeitos que protagonizam as batalhas de rima e demais práticas culturais juvenis em Imperatriz.

O gráfico evidencia que, também nesse recorte etário, a população juvenil de Imperatriz é, majoritariamente, negra. Jovens autodeclarados pardos constituem o maior contingente, seguidos pelos jovens pretos, enquanto a população branca aparece em proporção significativamente menor. A presença de jovens indígenas e amarelos é residual, acompanhando a tendência observada na composição geral da população do município. Esses dados reforçam que a juventude que ocupa os espaços públicos da cidade, é marcada pelo pertencimento racial negro. Essa expressiva maioria negra está distribuída em bairros periféricos da cidade marcados por desigualdades no acesso a políticas públicas, equipamentos culturais e espaços institucionais de participação. É nesse contexto social e racialmente marcado que o *rap* e, de forma específica, as batalhas de rima preenchem esse “vazio” de práticas culturais, políticas e territoriais da juventude negra em Imperatriz.

Dessa forma, compreender o perfil racial do município é fundamental para entender por que o *rap* assume, em Imperatriz, um papel que ultrapassa o entretenimento, consolidando-se como ferramenta de expressão, resistência e negociação identitária da juventude negra. As batalhas de rima revelam-se como práticas que articulam cultura, política e território, ao mesmo tempo, em que expõem as desigualdades raciais e sociais presentes no cotidiano urbano da cidade.

É interessante analisar esses números e observar os bairros de origem dos frequentadores da batalha, em sua maioria, provenientes da Vila Nova, Vila Lobão, Redenção, Santa Rita, Bacuri e Vilinha, além de participantes oriundos de municípios vizinhos, como São Miguel do Tocantins (TO), localizado do outro lado do Rio Tocantins. Esses bairros de Imperatriz são, em sua maioria, territórios populares e periféricos, historicamente marcados por desigualdades urbanas e formados a partir do processo de expansão acelerada da cidade. A presença de jovens vindos de diferentes bairros e até de outros municípios para o espaço de grande fluxo na cidade de Imperatriz, a Beira rio, reforça o caráter agregador da batalha de rima.

2.1 Versos e rimas em Imperatriz

A partir da incursão em campo, localizamos duas batalhas na cidade, sendo os mesmos integrantes, mudando apenas o organizador. Essas batalhas têm como organizadores principais o Rodrigues e Pixel, atualmente sendo ativa somente a Batalha do Império que tem grande importância para o hip hop em Imperatriz. Rodrigues iniciou na Batalha da Marola, a primeira batalha de Imperatriz que finalizou em 2 de junho de 2022.

Nesse sentido, a pesquisa se insere em um esforço maior de reunir estudos sobre as práticas expressivas negras no Maranhão, especialmente aquelas que envolvem elementos da diáspora africana e suas reelaborações locais, partindo de uma prática cultural específica, o *rap*. Compreender o *rap* em Imperatriz implica reconhecer como essa juventude traduz práticas culturais globais em contextos regionais, adaptando-se às dinâmicas sociais, políticas e econômicas da cidade. Nesse sentido, o estudo dialoga com autores como Luciana Soares (2017), Tricia Rose (1994) e R. S. Silva (2012), que discutem a dimensão diaspórica do hip hop e sua força enquanto cultura de resistência.

Além de observar as batalhas de rima e os repertórios discursivos mobilizados, esta pesquisa parte também de uma vivência direta no campo. A minha inserção no próprio movimento permite uma leitura ampliada dos processos subjetivos e coletivos que moldam o *rap* em Imperatriz, oferecendo uma perspectiva etnográfica sensível às vozes que compõem a cena, em que diversas informações a fonte sou eu mesma e meus interlocutores, os jovens que integram esse movimento. O termo "negociações", presente no título, alude justamente às tensões e adaptações enfrentadas pelos jovens negros nas disputas por reconhecimento da prática e de suas identidades, tanto dentro quanto fora do cenário musical.

Para compreender o atual cenário do *rap* em Imperatriz é fundamental recuperar, mesmo que brevemente, a trajetória histórica. As primeiras batalhas de rima surgiram ainda no ano de 2016, uma das primeiras que se tem registro é a Batalha da Marola, organizada pelo Takezo, um jovem negro de origem periférica. Jovens da cidade se reuniam na Praça Mané Garrincha ao lado da pista de skate, que pouco tempo depois seria no foguete da Beira Rio para batalhar. Takezo, personagem este que chegou a representar nacionalmente o Maranhão no Duelo Nacional organizado pela Família de Rua, foi campeão maranhense em 2017 e regional em 2018.

Figura 2: Batalha da Marola, Praça Mané Garrincha, Imperatriz, agosto de 2017



Fonte: Felipe Mota. Instagram: @felipemotaph; @batalhadamarola. Publicado em 17 ago. 2017. Descrição: Jovens reunidos na Praça Mané Garrincha ao lado da pista de skate, durante uma edição da Batalha da Marola.

As figuras 2 e 3 representam um dos primeiros registros daquela que parece ser a batalha mais frutífera da cidade, a Batalha da Marola. Nas figuras observamos uma juventude que escolheu se reunir, primeiramente, na pista de skate abrigada na Praça Mané Garrincha. A curiosidade de quem andava de skate formava o grande número indivíduos da roda que faziam as batalhas acontecer. Nota-se a presença de um público, majoritariamente, jovem e masculino. O fato é que boa parte dos que integram o Império hoje são frutos Batalha da Marola. Os participantes frequentam essa Batalha desde criança, ou seja, cresceram no hip hop. Outro fato importante é o

interesse que as batalhas geravam naquele momento (2017), observado a partir da presença de um público bastante numeroso.

Figura 3: Batalha da Marola, Praça Mané Garrincha, Imperatriz, agosto de 2017



Fonte: Felipe Mota. *Instagram:* @felipemotaph; @batalhadamarola. Publicado em 22 ago. 2017. Descrição: Jovens reunidos na Praça Mané Garrincha ao lado da pista de skate, durante uma edição da Batalha da Marola.

A próxima figura (4) representa o momento em que a Batalha da Marola passou a ser realizada na Beira Rio, especificamente, próximo ao foguete. O foguete é uma estrutura localizada entre outros brinquedos que formam uma área de lazer infantil. Essa mudança teve um propósito *levar a cultura do hip hop para o local de maior movimentação da cidade*. O novo local é visitado por um grande fluxo de famílias, jovens e crianças. A Beira Rio representa o espaço público de maior circulação na cidade. O espaço funciona como área de lazer, área para prática de esportes, além de um importante espaço de alimentação oferecida por barracas de comida, além de estar circunscrito por bares, casas de festas e restaurantes.

Figura 4: Batalha da Marola, Beira rio, Imperatriz, junho de 2019



Fonte: Felipe Mota. *Instagram:* @felipemotaph; @batalhadamarola. Publicado em 23 jun. 2019. Descrição: Jovens reunidos no foguete da Beira rio, durante uma edição da Batalha da Marola.

Esses encontros representaram o início de um movimento que se consolidou ao longo dos anos, em que somente a partir de 2019 os apoios locais vieram. Com o passar do tempo, surgiram eventos de maior porte, seletiva na Liga Nordestina de MC's, que ocorreu no dia 01 de fevereiro de 2020, mas o evento foi cancelado por conta da pandemia e até hoje não teve data de volta, outro que deu visibilidade é os Versos em Movimento. Esses eventos deram mais visibilidade ao *rap* e abriram espaço para novas gerações, hoje a Batalha do Império é um fruto da Marola.

Enquanto em São Paulo, nos anos 1980, o hip hop ganhava expressão e se consolidava nacionalmente como prática cultural e política, em São Luís essa mesma década já marcava a chegada do movimento ao Maranhão, com forte influência de produtos midiáticos internacionais e de um cenário urbano atravessado pela desigualdade social. A capital tornou-se um dos principais polos do estado, reunindo bairros periféricos que deram vida a uma cena plural, que mais tarde se estruturaria em diversas batalhas de rima e se projetaria como referência regional.

Em Imperatriz, por outro lado, o processo foi mais tardio: apenas em 2016 surgem registros organizados de batalhas, mas que rapidamente se consolidaram como espaço de expressão da juventude negra, alcançando em poucos anos relevância no sul do estado e articulando-se com seletivas e competições de maior porte. Assim, observa-se que, enquanto São Luís aparece como berço e centro de irradiação do hip hop no Maranhão, Imperatriz representa a expansão mais recente e pujante do movimento, evidenciando a capacidade de difusão e de adaptação dessa cultura em diferentes realidades urbanas.

2.2 Rap, identidade e movimento

As batalhas de *rap* em Imperatriz tem representado para os jovens, os principais participantes, espaços de resistência, afirmação identitária e produção cultural. A cena local não somente se restringe à realização de batalhas semanais, mas também se articula com outros municípios e com o cenário estadual, configurando uma rede dinâmica de eventos e parcerias. Uma das formas de articulação mais relevantes observadas em campo foi a relação de Imperatriz com a capital do estado do Maranhão, São Luís. Essa conexão se deu principalmente por meio das seletivas estaduais para a Bienal da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) que ocorrem a cada dois anos para a representação do Maranhão nesse festival cultural, bem como as etapas municipais e estaduais que dão acesso ao Duelo Nacional de MCs que é o maior evento da cena do *rap* no País organizado pela Família de Rua que ocorre a cada um ano. Pixel afirma:

Imperatriz é reconhecida como a cidade de maior nível do sul do Maranhão, ou seja, quando MCs desejam rimar fora de suas cidades, costumam buscar Imperatriz para competir, por ser a segunda maior cidade do estado e por apresentar um alto nível de competitividade, como no caso do Épico MC que foi representante nacional em 2022 ou do Hades MC que foi bicampeão estadual em 2023 e 2024. (Pixel, entrevista realizada em 22 de maio de 2025)

Em abril de 2025, Imperatriz sediou a segunda etapa classificatória do *Slam* Maranhão, em parceria com o *Slam* Odara de São Luís, evidenciando a expansão do movimento do hip hop de Imperatriz com uma das práticas poéticas que tem aproximação com o *rap*. A primeira edição em Imperatriz ocorreu em 02 de fevereiro de 2018 na Beira Rio, sendo a Luana Gonçalves a campeã.

Figura 5: Primeiro Slam, Beira rio, Imperatriz, fevereiro de 2018



Fonte: Batalha da Marola. *Instagram:* @batalhadamarola. Publicado em 3 fev. 2018. Descrição: Registro da campeã do *Slam* Luana Gonçalves, acompanhado de uma fotografia geral do evento, mostrando o público reunido.

Na figura 5 observamos a primeira edição de *slam* na cidade, tendo como campeã a Luana Gonçalves. A segunda edição foi referente a seletiva municipal organizado pelo *Slam* Maranhão e *Slam* Odara, exatamente onde ocorre a Batalha do Império, no poste central da concha acústica. Isso evidencia que o hip hop e *slam* compartilham o mesmo chão, o mesmo público e, sobretudo, os mesmos sentidos coletivos. O *slam* tem suas influências e semelhanças com as Batalhas de Rima, em que ambos podem se complementar, mesmo sendo movimentos independentes um do outro. Como afirma Santos:

Além do TRAP como nova modalidade do *RAP*, surgiu também o *SLAM* com a sua forma poética altamente diferenciada. É muito atraente para os jovens, principalmente os jovens da periferia, que veem no *SLAM* uma forma de poder falar sobre suas realidades através da poesia. (SANTOS, T. C. E, 2021, pág. 22)

Há distinção entre a Batalha de Rima e o *slam*. O *slam* consiste em uma disputa

de poesia falada, na qual os poetas apresentam textos autorais de até três minutos, sem acompanhamento musical ou recursos cênicos, utilizando apenas corpo e voz. A avaliação fica a cargo de um júri popular, escolhido entre o público, que atribui notas de 0 a 10. Enquanto a batalha de rima tem como foco a improvisação, geralmente em embates diretos entre dois MCs, nos quais a disputa se estabelece pela rapidez e criatividade na construção de versos em tempo real.

A entrevista realizada (por meio de um questionário alternativo) com uma das organizadoras do *Slam* Maranhão revelou que, embora possuam formatos próprios, essas expressões compartilham raízes na cultura hip hop e funcionam como plataformas de resistência, denúncia social, afirmação identitária e formação política para a juventude negra. Como afirma a organizadora do movimento no Maranhão, Myrlla Conceição Ribeiro Santos Aguiar, mais conhecida como Sollamya e Sol (nomes artísticos):

Me construiu como mulher negra e como mulher nordestina. Hoje tenho nome e uma voz potente, porque no *slam* somos ouvidas melhor quando a voz ecoa, no sentido literal e também na linguagem que isso nos traz. Aprendi a reconhecer a potência da minha voz e a força das minhas raízes pela escrita. (Sol, entrevista realizada em 12 de maio de 2025)

Os versos de *slam* são uma ferramenta de denúncia, uma ferramenta de acolhimento, de protesto e de resistência. Entretanto, não abrangem apenas o racismo, mas também temas como amor, alegria, paixão, tristeza e a própria condição humana. Atualmente, mantêm forte vínculo com o cenário de *rap* de São Luís, capital do Maranhão, onde muitos MCs participam para aprimorar seu repertório, escrita e performance.

Figura 6: Classificatória Slam Maranhão, Beira rio, Imperatriz, maio de 2025



Fonte: Rillairy Faustina. *Instagram:* @batalhado.imperio. Publicado em 02 maio. 2025. Descrição: Segunda edição de *slam* na cidade de Imperatriz e seletiva para o estadual.

Há distinção entre a Batalha de Rima e o *slam*. O *slam* consiste em uma disputa de poesia falada, na qual os poetas apresentam textos autorais de até três minutos, sem acompanhamento musical ou recursos cênicos, utilizando apenas corpo e voz. A avaliação fica a cargo de um júri popular, escolhido entre o público, que atribui notas de 0 a 10. Enquanto a batalha de rima tem como foco a improvisação, geralmente em

embates diretos entre dois MCs, nos quais a disputa se estabelece pela rapidez e criatividade na construção de versos em tempo real.

A entrevista realizada (por meio de um questionário alternativo) com uma das organizadoras do *Slam* Maranhão revelou que, embora possuam formatos próprios, essas expressões compartilham raízes na cultura hip hop e funcionam como plataformas de resistência, denúncia social, afirmação identitária e formação política para a juventude negra. Como afirma a organizadora do movimento no Maranhão, Myrlla Conceição Ribeiro Santos Aguiar, mais conhecida como Sollamya e Sol (nomes artísticos):

Me construiu como mulher negra e como mulher nordestina. Hoje tenho nome e uma voz potente, porque no *slam* somos ouvidas melhor quando a voz ecoa, no sentido literal e também na linguagem que isso nos traz. Aprendi a reconhecer a potência da minha voz e a força das minhas raízes pela escrita. (Sol, entrevista realizada em 12 de maio de 2025)

Os versos de *slam* são uma ferramenta de denúncia, uma ferramenta de acolhimento, de protesto e de resistência. Entretanto, não abrangem apenas o racismo, mas também temas como amor, alegria, paixão, tristeza e a própria condição humana. Atualmente, mantêm forte vínculo com o cenário de *rap* de São Luís, capital do Maranhão, onde muitos MCs participam para aprimorar seu repertório, escrita e performance.

Além dessa conexão com esse movimento, o hip hop Imperatriz preserva laços consistentes com a cena de *rap* de Açailândia, município vizinho a nordeste de Imperatriz, onde surgem MCs, batalhas e colaborações frequentes. No que diz respeito aos eventos de maior porte, destacam-se: a Copa Sul Maranhão/Maranhense, o 1º Festival da Juventude do Maranhão, os Versos em Movimento com articulação entre Imperatriz, Açailândia e São Luís, e as seletivas municipais e estaduais para a Bienal da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e para o Duelo Nacional de MCs. A Copa Sul Maranhão/Maranhense, realizada pela primeira vez em 2025, foi um divisor de águas importante ao reunir MCs da região sul do Maranhão em um mesmo espaço de disputa. O ponto é, além de colocar Imperatriz no mapa como sede de uma competição regional, o evento reforçou a cidade como polo do sul maranhense, demonstrando que o nível técnico dos MCs locais pode dialogar com outras realidades do estado.

Figura 7: 2ª edição Versos em Movimento, Beira rio, Imperatriz, novembro de 2023



Fonte: Daniel Sena. Descrição: realização da 2ª edição dos Versos em Movimento na Concha Acústica da Beira rio.

A Figura 7 é um registro da 2ª edição do evento “Versos em Movimento”, um evento que ocupa um lugar significativo no cenário das batalhas na cidade de Imperatriz. Este evento representa a articulação direta entre Imperatriz, Açailândia e São Luís, três cidades estratégicas para o movimento hip hop no Maranhão. Mais do que um evento, eles representam uma rede de cooperação entre MCs. A última edição, realizada em 26 de novembro de 2023, consolidou-se como o maior encontro de hip hop da região Tocantina até aquele momento. O evento foi realizado pela Império e União da Juventude Socialista (UJS), idealizado por Rillary Valentina Rodrigues da Silva (Ex secretária-geral da UJS Imperatriz) atraindo um público expressivo e fortalecendo essa identidade de cultural local.

Além desses eventos, as seletivas municipais e estaduais para a Bienal e para o Duelo Nacional de MCs cumprem a função de conectar o movimento maranhense a circuitos mais amplos, de alcance nacional. Essas etapas funcionam como vitrines, garantindo que jovens MCs do estado tenham acesso a oportunidades de projeção, como já ocorreu com nomes de Imperatriz que representaram o Maranhão em disputas nacionais. Assim, as seletivas não apenas legitimam a cena local, como

também asseguram a presença do *rap* maranhense em arenas maiores de visibilidade cultural.

Em novembro de 2024, a Batalha do Império de Imperatriz articulou-se com a Batalha dos Crias do Maiobão para realizar um evento conjunto no Festival da Juventude.

Figura 8: Festival da Juventude, Beira rio, Imperatriz, 23 de novembro de 2024



Fonte: Alex Filósofo. *Instagram:* @alexfilosofo. Publicado em 24 nov. 2024. Descrição: Jovens na concha acústica da Beira rio, durante o Festival da Juventude.

Com um grande público e estrutura robusta, as figuras 8 e 9 registram o primeiro Festival da Juventude realizado em Imperatriz. O Festival foi fruto de uma articulação do estado com a Batalha do Império e Batalha do Maiobão.

Figura 9: Festival da Juventude, Concha acústica da Beira rio, Imperatriz, novembro de 2024



Fonte: Alex Filósofo. *Instagram:* @alexfilosofo. Publicado em 24 nov. 2024. Descrição: Jovens na concha acústica da Beira rio, durante o Festival da Juventude

Outro marco recente foi a reinauguração da Casa do hip hop de Imperatriz, em 16 de agosto de 2025, localizada na Rua Urbano Rocha, Bairro Recanto Universitário. O espaço, que havia sido inicialmente inaugurado em abril de 2017, nasceu como um projeto de cultura alternativa voltado para a juventude, oferecendo aulas de grafite, dança, música e informática, além de disponibilizar computadores e um estúdio de gravação.

A proposta sempre contou com apoio do poder público local, por meio da Secretaria de Esportes, da Fundação Cultural e da Secretaria de Saúde, e envolveu diretamente a comunidade. Em sua nova fase, a Casa do hip hop reafirma o compromisso de fortalecer a cena cultural da cidade, funcionando como ponto de encontro e formação, e sua reinauguração contou com oficina de *rap* e batalhas de MCs. Esses eventos marcam um momento de consolidação do movimento hip hop em Imperatriz, ampliando sua visibilidade e reconhecimento social.

O material coletado demonstra que tais espaços são criados e mantidos, em sua maioria, de forma autônoma, articulando redes de apoio e dialogando com outras

idades e cenas culturais, mesmo diante de processos históricos de marginalização e da ausência de políticas públicas consistentes. Pixel, produtor, MC de batalha e atual organizador da Batalha do Império, afirma que:

Dentre as dificuldades, destaco a falta de reconhecimento do movimento por parte dos órgãos públicos, seja em termos de inclusão em alguns eventos ou de apoio na realização dos nossos próprios. Ainda há muito preconceito em relação ao hip hop, o que reforça esses desafios. Por outro lado, entre as conquistas, o movimento imperatrizense realizou o maior evento de hip hop da região Tocantina, os Versos em Movimento - 2ª edição, além de sediar a Copa sul Maranhense de MC's, obtendo dois títulos e garantindo vagas em todos os eventos estaduais, nos quais o movimento sempre é contemplado por meio da Batalha do Império. (entrevista realizada em 22 de maio de 2025)

As entrevistas revelaram que o preconceito contra o gênero ainda persiste, mas a cena tem se fortalecido através da autogestão, do apoio de pequenos comerciantes e da formação de redes entre artistas.

Em 8 de setembro de 2024, foi possível observar o quão rico em repertório os MCs são. Pôde-se perceber referências e conteúdos variados em cada rima apresentada, abordando temas como física, com menção a Nikola Tesla; religião, com a história de Davi e Golias; cultura, com referência a Eminem; e até política, com críticas à falta de investimento, entre outros. Em 16 de outubro de 2024, o destaque foi uma telespectadora que é artista e desenhista que frequentava assiduamente as batalhas, Maria Eduarda, cujas declarações chamaram bastante atenção. Em sua fala, afirmou que “é uma voz que muitos não ouvem, e quem passa, por ali acaba absorvendo algo importante e mudando os ideais”, destacando o impacto transformador desses encontros. Ressaltou ainda o valor educativo do evento ao afirmar que “a batalha colabora até didaticamente, ajudando a melhorar a dicção e a enriquecer os repertórios, sejam quais forem”. Por fim, apontou um desafio enfrentado pelo movimento cultural ao dizer: “vejo um futuro na cultura, só não vejo pessoas que apoiam”.

Em São Luís, a cena é expressiva não apenas pela quantidade de batalhas de rima em atividade, mas também pela diversidade de territórios onde elas acontecem, abrangendo bairros periféricos e de grande circulação popular, como Cohab, Ipem, Santa Rosa e o próprio centro da cidade. Esse mapeamento evidencia que a capital concentra o maior número de eventos do estado, funcionando como polo irradiador da cultura hip hop no Maranhão.

Em contraste, outras cidades contam com um número reduzido de batalhas,

em alguns casos apenas uma, como Bacabal e Codó, o que reforça a centralidade de São Luís na cena. Foi justamente essa assimetria que motivou parte desta pesquisa: enquanto na capital já existem registros, artigos e produções acadêmicas sobre o hip hop e suas manifestações, em Imperatriz a escassez de bibliografia exigiu a construção direta de fontes a partir da inserção no campo. Assim, ao mesmo tempo, em que São Luís apresenta uma manifestação consolidada e plural do *rap*, imperatriz se destaca por revelar uma cena emergente, que apesar de mais recente, demonstra grande potencial de crescimento e consolidação no sul do Maranhão.

CAPÍTULO 3

RIMAR PARA EXISTIR: JUVENTUDE NEGRA E AS BATALHAS

O *rap*, enquanto prática cultural urbana, constitui-se como um espaço privilegiado de expressão da juventude negra, especialmente em contextos marcados por desigualdades raciais, territoriais e socioeconômicas. Nas batalhas de rima, não estão apenas versos improvisados ou disputas simbólicas, mas experiências de vida atravessadas pelo racismo estrutural, pela violência cotidiana e pela negação histórica do direito à fala. Esses encontros configuram-se como territórios de sociabilidade, reconhecimento e disputa de narrativas sobre quem são e como vivem os jovens negros nas cidades.

No cenário das batalhas, o microfone assume um papel central: ele materializa a possibilidade de romper o silenciamento imposto à juventude periférica e de tornar pública uma vivência frequentemente associada à marginalidade e à ameaça. Ao ocupar praças, ruas e espaços urbanos, esses jovens negros tensionam formas tradicionais de controle do espaço público, enfrentando estigmas do que é considerado cultura, que relacionam a cor da pele, território, perigo social. Assim, as batalhas tornam-se arenas onde se negociam identidades, pertencimentos e formas de resistência.

É nesse contexto que Sollamya, organizadora do *Slam* Maranhão contextualiza como o movimento do *slam* é visto, não muito diferente das rodas de batalhas. Segundo ela, trata-se de uma visão “marginal aos olhos de quem não o compreende”. Afinal, o sistema não quer pessoas pretas, periféricas e marginalizadas com um microfone na mão. Assim, ela afirma:

Aos que não estudam, isso é ser marginal e é algo ruim. Então, na visão deles, sou marginal, perigosa e agressiva. Minhas poesias precisam ser, e, se falar o que precisa ser dito é perigoso, então eu sou. O sistema não quer pessoas pretas, periféricas e marginalizadas com um microfone na mão, por isso tentam nos silenciar de todas as formas, seja, no início, nas praças, quando nos impediam de recitar, ou hoje, quando tentam abaixar o som. (Sol, entrevista realizada em 12 de maio de 2025)

Na fala da Sol dá para ver como a sociedade ainda enxerga a juventude preta e periférica a partir de estigmas: ser marginal, perigoso, agressivo. É a velha associação entre raça, lugar de origem e violência, como se ocupar a rua já fosse um ato de ameaça. Só que ela vira esse jogo. Quando diz que, se falar a verdade é perigoso, então ela é perigosa, transforma a marginalização imposta em ferramenta

de resistência.

O microfone que ela menciona não é só um objeto, mas um símbolo. É o espaço de fala, de poder narrar a si mesma e à realidade dos seus. Com o microfone na mão, ela e outros jovens periféricos deixam de ser apenas alvo do discurso dos outros e passam a ser autores de sua própria história. Por isso incomoda tanto, porque o sistema não quer que pretos, periféricos e marginalizados tenham essa voz pública. Quando Sol lembra das vezes em que tentaram impedir que eles recitassem nas praças ou abaixar o som dos encontros, está mostrando como sempre houve tentativas de silenciamento, mas também como o movimento insiste em existir. A fala dela, no fundo, mostra que o *slam* não são só arte, mas também um jeito de ocupar espaço, de criar pertencimento e de transformar aquilo visto como ameaça em força mais coletiva.

As entrevistas revelaram dimensões subjetivas que fortalecem a compreensão do *rap* enquanto prática cultural. Rodrigues narrou sua trajetória iniciada em 2017, quando participou de sua primeira batalha de forma inesperada. Ele destacou a influência de nomes locais como Takezo (organizador da primeira Batalha de Rima em Imperatriz, Batalha da Marola), Caronte e Kings, bem como de referências nacionais e internacionais, como Don L. Para Rodrigues, o *rap* foi fundamental em sua vida, representando tanto uma descoberta pessoal quanto uma ferramenta de denúncia social, resistência e pertencimento. Em uma de suas falas, Rodrigues destaca:

A gente sempre foi atacado, mas seguimos em frente com a consciência de que o que fazemos muda a vida de jovens em toda a cidade, assim como mudou a minha, um jovem excluído que pela primeira vez teve sua voz "ouvida" por um grupo que tava ali para se expressar. (Rodrigues, entrevista realizada em 12 de maio de 2025)

Pixel, por sua vez, iniciou sua trajetória como produtor e *beatmaker* (produtor musical), mas logo se envolveu como MC. Ele enfatizou a importância do *rap* enquanto espaço democrático, aberto para qualquer jovem marginalizado se expressar. Suas influências passam por MCs locais e nacionais, além de artistas internacionais como Pharrell Williams. Em sua fala, destacou que o *rap* em Imperatriz possui nomes de grande impacto, como Takezo, que chegou a disputar competições nacionais, e que o movimento já provou sua força dentro e fora do estado. Para ele, os Versos em Movimento e a Batalha do Império são marcos centrais na cena local, assim como a recente Casa do hip hop, que reinaugurou após anos e pode se tornar um espaço de

formação e oficinas.

Cegão, organizador da Batalha da Tropa, destacou que o *rap* teve importância decisiva em sua vida, auxiliando em seu processo de autodescoberta e reconhecimento da pertença racial. Suas rimas priorizam o estilo ideológico, trazendo pontos de vista pessoais e críticas à realidade social. Ele afirma:

O *rap* teve uma importância muito grande em relação a quem sou hoje. Ele me ajudou a me descobrir e saber quem eu realmente sou. Hoje eu posso afirmar que Djonga, Racionais, entre outros, me ensinaram a ser preto.” E completa: “Eu costumo rimar um pouco de tudo, pois isso amplia a vertente do MC. Mas meu estilo preferido é a ideologia, onde gosto de colocar meu ponto de vista e minhas ideias em jogo. Gosto de rimar sobre o que vivo, o que faço e sobre a realidade do mundo.” (entrevista realizada em 20 de maio de 2025)

Em conjunto, essas narrativas confirmam que o *rap* em Imperatriz não se restringe ao entretenimento, mas atua como ferramenta de conscientização, mobilização e transformação social. Ainda que o movimento enfrente desafios, como a ausência de políticas públicas consistentes e o preconceito contra o hip hop, também coleciona conquistas importantes: sediou grandes eventos regionais, obteve títulos em competições estaduais e nacionais e consolidou espaços permanentes de atuação.

ISSO NÃO É O FIM, É O REFRÃO!

As reflexões desta pesquisa revelam que o hip hop, notadamente o *rap* e as batalhas de rima em Imperatriz MA, compõem um intrincado universo de criações culturais, identidades e embates simbólicos, com a juventude negra liderando essa cena. Olhando para trás, para as raízes do gênero, sobretudo seus laços com a Jamaica, o *toasting*, os *sound systems*, Kool Herc e o Bronx, percebe-se que o *rap* de Imperatriz não nasceu sozinho, mas faz parte de uma história longa de troca de músicas, estilos e ideias políticas que ultrapassam as fronteiras e firmam uma cultura negra global. O *DJ*, o MC e a música das ruas, tão importantes no passado, formam a base para entender como tudo isso continua vivo hoje na cidade, com os jovens reinventando essas tradições de maneira inovadora e local.

Diante desse cenário, analisar a consolidação do *rap* no Brasil revelou a força política do gênero na luta contra o racismo estrutural, a violência estatal e as desigualdades sociais, principalmente por meio de artistas como o grupo Racionais MCs, Sabotage, Emicida e Don L. Os textos analisados, como “O *rap* brasileiro e os Racionais MCs”, “Elementos para a crítica da estética dos Racionais MCs (1990-2006)” e “Racionais MCs a estética da violência e a narrativa da segregação urbana”, enriquecem a compreensão do impacto do grupo no cenário nacional, mostrando em detalhes como suas letras criam histórias de resistência, usam elementos poéticos e musicais elaborados e se firmam como um marco imprescindível na crítica social no Brasil. Essas análises comprovam que músicas como “Homem na Estrada”, “Capítulo 4 Versículo 3” e “Negro Drama” estabelecem uma estética de protesto e sobrevivência, formada por relatos sobre violência policial, territórios negros, diferenças nas cidades e racismo enraizado.

Os elementos em questão serviram de alicerce interpretativo para as futuras gerações, inclusive os jovens de Imperatriz, que, usando estas falas, constroem suas experiências e críticas sociais. Ao trazer esta discussão para o contexto local, a pesquisa evidenciou que a juventude que frequenta as batalhas de rima em Imperatriz é em sua maioria negra e mora em áreas populares, como Vila Nova, Vila Lobão, Redenção, Santa Rita, Bacuri e Vilinha, para além de jovens oriundos de cidades próximas, como São Miguel do Tocantins (Bela vista), onde os MC’s participam desde criança. Estes bairros, marcados por desigualdades urbanas e a expansão rápida da cidade, exibem condições materiais que impactam diretamente a vivência da

juventude. A presença dominante de jovens negros nestes lugares fortalece o viés territorial do rap, transformando-o em ferramenta de expressão, identificação e confronto com as estruturas que modelam o dia a dia. As batalhas sonoras agem tanto como espaços de criação, quanto como arenas de socialização política, onde emergem repertórios coletivos, redes de afeto, disputas simbólicas e formas de resistência que espelham a cultura urbana da cidade.

O tempo em campo, deixou claro que o *rap* vai além do mero divertimento para esses jovens negros. A ânsia por reconhecimento, por uma carreira, e a vontade de representar em competições nacionais, entrar em grandes palcos, tudo isso tá lá. As diversas referências, dos Racionais MC's a Tupac Shakur, com Emicida, Sabotage e Don L no meio, revelam que esses jovens constroem um arsenal de conhecimento ligado ao que há de mais crítico no *rap*.

Compreender essas disputas sonoras, enxergando-as como espaços onde a cultura é feita, analisada e moldada a identidade, permite novas perspectivas sobre juventude negra. A pesquisa mostrou que as batalhas de rima são espaços essenciais para entender como a juventude negra da cidade cria cultura, conta suas histórias e decide o que é ser de verdade. O *rap* em Imperatriz funciona ao mesmo tempo, como uma forma de lutar, de denunciar e de dar apoio.

Embora mulheres estejam na cena, sua vivência carece um estudo mais aprofundado. A participação feminina nas batalhas, que é um universo dominado por homens, são campos de estudo importantes e promissores. Investigar como mulheres negras constroem seus relatos, o que encaram e como se expressam ampliará o entendimento do *rap*, destravando questões que ainda são ocultas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de Souza. O rap brasileiro e os Racionais MC's. Anais do Simpósio Internacional do Adolescente. São Paulo, s.d.

AQUELINE. Negro, jovem e hip hopper: história, narrativa e identidade em Sorocaba. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Sorocaba, 2011.

BATALHA DA MAROLA. Primeiro Slam da Batalha da Marola, Beira-Rio, Imperatriz (MA), fev. 2018. Instagram: @batalhadamarola. Publicado em 3 fev. 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/batalhadamarola/>. Acesso em: 2025.

BATALHA DO IMPÉRIO. Batalha do Império, Imperatriz (MA), jul. 2023. Instagram: @batalhado.imperio. Publicado em 9 jul. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/batalhado.imperio/>. Acesso em: 2025.

BONI, Alberto Carlos; MEDEIROS, Fernanda. Elementos para a crítica da estética dos Racionais MC's (1990–2006). Idéias, v. 13, n. 2, 2009.

CUNHA, Cleverton Alves (Pixel). Entrevista concedida à autora. Imperatriz (MA), 12 maio 2025.

DA SILVA, Luciane Soares. O rap: um movimento cultural global? Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 203–214, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v9i1.229>.

FELIX, João Batista de Jesus. Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Doi: 10.11606/T.8.2006.tde-01052006-181824.

FAUSTINA, Rillairy. Classificatória do Slam Maranhão na Beira-Rio, Imperatriz (MA), maio 2025. Instagram: @batalhado.imperio. Publicado em 2 maio 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/batalhado.imperio/>. Acesso em: 2025.

FILÓSOFO, Alex. Festival da Juventude na Concha Acústica da Beira-Rio, Imperatriz (MA), nov. 2024. Instagram: @alexfilosofo. Publicado em 24 nov. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/alexfilosofo/>. Acesso em: 2025

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

IBGE. Censo Demográfico 2022. Gráfico 1: População residente por cor ou raça e pessoas indígenas. Imperatriz (MA), 2022.

MOTA, Felipe. Batalha da Marola na Praça Mané Garrincha, Imperatriz (MA), ago. 2017. Instagram: @felipemotaph; @batalhadamarola. Publicado em 17 ago. 2017.

Disponível em: <https://www.instagram.com/felipemotaph/>. Acesso em: 2025.

MOTA, Felipe. Batalha da Marola na Praça Mané Garrincha, Imperatriz (MA), ago. 2017. Instagram: @felipemotaph; @batalhadamarola. Publicado em 22 ago. 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/felipemotaph/>. Acesso em: 2025.

MOTA, Felipe. Batalha da Marola na Beira-Rio, Imperatriz (MA), jun. 2019. Instagram: @felipemotaph; @batalhadamarola. Publicado em 23 jun. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/felipemotaph/>. Acesso em: 2025.

NOVAES, Regina. Juventude e periferia: identidades e representações sociais. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 122–135, 2003.

NOVAES, Regina. Juventude e periferia: identidades e representações sociais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.

RODRIGUES, Hadriel Moura. Entrevista concedida à autora. Imperatriz (MA), 12 maio 2025.

ROSA, Allan da. Racionais MC's e a enunciação periférica da cidade. Anais da ANPOCS. Texto completo, 2023.

ROSE, Tricia. Black noise: rap music and black culture in contemporary America. Hanover: Wesleyan University Press, 1994.

ROSENVERCK, Estrela Santos. A história do hip hop em São Luís do Maranhão: periferização da cidade e resistência político-cultural da juventude negra nos anos de 1990. Outros Tempos, São Luís, v. 5, n. 6, p. 55–68, dez. 2008.

SENA, Daniel. 2ª edição do evento Versos em Movimento na Beira-Rio, Imperatriz (MA), nov. 2023. Acervo pessoal.

SILVA, Thiago (Cegão). Entrevista concedida à autora. Imperatriz (MA), 20 maio 2025.

STOLZOFF, Norman C. Wake the town and tell the people: dancehall culture in Jamaica. Durham: Duke University Press, 2000.

VALE, Ana Talycia Marques. Associativismo negro e práticas culturais: ações coletivas no reconhecimento do Quilombo Urbano Liberdade/MA. 2024. 118 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/5910>. Acesso em: 2025.

VIANNA, Hermano. O mundo funk carioca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA

- a. Como você se envolveu com o *rap* e as batalhas de rima em Imperatriz?
- b. Quais artistas ou influências (locais, nacionais, internacionais) marcaram sua trajetória?
- c. Como o *rap* contribui para a construção da sua identidade como jovem negro(a) em Imperatriz?
- d. Quais estereótipos ou desafios você enfrenta por fazer parte desse movimento?
- e. Quais temas você costuma abordar nas suas letras e rimas? Como eles refletem sua realidade?
- f. Como o *rap* funciona como ferramenta de denúncia ou resistência na sua comunidade?
- g. Como você descreve o cenário do *rap* em Imperatriz? Quais são os espaços mais importantes (ex.: Batalha da Marola, Versos em Movimento)?
- h. Quais as dificuldades e conquistas do movimento hip hop na cidade?
- i. Como o *rap* de Imperatriz dialoga com cenas de outras cidades (ex.: São Luís, São Paulo)? Qual o motivo da escolha da Beira Rio para ocorrer o movimento?
- j. Existem coletivos ou parcerias que fortalecem o movimento local?

Finalização:

- k. Que mudanças você gostaria de ver no cenário do rap em Imperatriz?
- l. Como você imagina o futuro das batalhas de rima e da cultura hip hop na cidade?
- m. Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência ou sobre o *rap* em Imperatriz que acredita ser importante registrar?

Pergunta central: Como as batalhas de rima em Imperatriz ajudam a dar visibilidade às questões da juventude negra.

APÊNDICE B - DICIONÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS

Afro-diaspórico / Diáspora Africana: Refere-se aos processos históricos, culturais e sociais decorrentes da dispersão forçada de populações africanas pelo mundo, especialmente pelas Américas, e às formas de reelaboração cultural, identitária e política produzidas por esses sujeitos ao longo do tempo.

Amazônia Legal: Delimitação político-administrativa criada pelo Estado brasileiro que engloba parte significativa do território amazônico. Imperatriz está inserida nesse espaço, marcado por disputas econômicas, fluxos migratórios e desigualdades regionais.

Batalha de Rima: Disputa verbal baseada na improvisação (*freestyle*), em que MCs rimam alternadamente sobre uma base rítmica ou a capela. As batalhas funcionam como espaços de sociabilidade, crítica social, visibilidade cultural e construção identitária.

Batalhas Sonoras: Termo adotado na pesquisa para designar as batalhas de rima em Imperatriz. O conceito enfatiza o caráter simbólico, político e estético dessas disputas, entendidas como práticas de resistência e negociação social.

Breakbeat: Trecho instrumental de uma música, geralmente percussivo, repetido pelos *DJs* para manter a dança e a performance. Técnica fundamental na formação do hip hop nos anos 1970.

Cultura Marginal: Conjunto de práticas culturais produzidas fora dos circuitos hegemônicos, frequentemente associadas às periferias urbanas. O *rap* é compreendido como uma dessas expressões, historicamente marginalizadas e estigmatizadas.

Diálogo Transnacional: Circulação de referências culturais, estéticas e políticas entre diferentes países. O rap brasileiro dialoga com o *rap* estadunidense e outras expressões da diáspora negra, mantendo especificidades locais.

DJ (Disc Jockey): Figura central na história do hip hop, responsável pela criação das bases musicais, manipulação de discos e condução das festas e batalhas. O *DJ* é entendido como artista, pesquisador musical e mediador cultural.

Freestyle: Forma de improvisação verbal característica do rap, na qual o MC cria rimas em tempo real. É a principal habilidade valorizada nas batalhas de rima.

Hip Hop: Movimento cultural afro-diaspórico surgido nos Estados Unidos, composto por elementos como *rap*, *DJ*, *breaking* e grafite. É compreendido como prática artística, política e comunitária.

MC (Mestre de Cerimônia): Responsável por conduzir a dinâmica das batalhas e interagir com o público. Pode ou não ser *rapper*, mas ocupa papel central na organização simbólica do evento.

Rap: Subgênero musical do hip hop baseado em rimas, ritmo e poesia falada. É

compreendido como ferramenta de crítica social, denúncia e resistência política.

Toasting: Prática musical jamaicana precursora do *rap*, baseada na fala rítmica sobre bases instrumentais. É apontada como uma das raízes históricas do hip hop.

Underground: Circuito cultural alternativo, fora da indústria *mainstream*. Muitas batalhas de rima e produções de *rap* se organizam nesse espaço.

Flow: Refere-se à habilidade de um MC (Mestre de Cerimônia) de entregar suas rimas de forma fluída e consistente, alinhando-se com o ritmo da batida da música. Ele envolve a cadência e a estrutura das palavras, e como o MC se adapta a diferentes tempos e mudanças na instrumentação, mantendo uma conexão orgânica com o beat. O *flow* vai além de simplesmente rimar, ele exige que o MC tenha controle sobre o seu próprio ritmo, sabendo quando acelerar ou desacelerar, além de encaixar suas palavras com precisão e criatividade.

Copa Sul Maranhense: Evento que reúne as maiores batalhas do Sul do Maranhão (Imperatriz e Açailândia).

Versos em Movimento: O maior evento da cena Sul Maranhense, realizado pela Batalha do Império e pela União da Juventude Socialista de Imperatriz, visa dar maior visibilidade ao hip hop da cidade. Ele envolve uma articulação entre as cidades de Açailândia e São Luís, com seletivas realizadas em ambas e premiação para os vencedores.

Freestyle Master Series (FMS): Criada pela *Urban Roosters* na Espanha em 2017, essa liga se tornou a principal competição profissional de batalhas de rima no mundo. O formato adotado é o de pontos corridos, com 10 a 12 MCs competindo ao longo de uma temporada, sendo avaliados em aspectos como *flow*, habilidades, *punchlines* e presença de palco. Com presença em vários países de língua espanhola, a liga chegou ao Brasil em 2024, com a proposta de profissionalizar o cenário por meio de contratos e salários para os participantes. Nas batalhas, a disputa ocorre com palavras aleatórias e o tempo é dividido em três níveis de dificuldade: *easy*, *average* e *hard*, para cada MC e se tornou a maior comunidade de *freestyle* do Brasil.

Duelo Nacional de MCS: É o maior evento da cena do *rap* no País organizado pela Família de Rua que ocorre a cada um ano em Belo Horizonte, Minas Gerais.

União da Juventude Socialista: A União da Juventude Socialista (UJS) é um movimento estudantil que reúne jovens com o objetivo de lutar por direitos sociais, políticos e econômicos. Ela busca organizar e mobilizar a juventude para atuar em questões como educação, igualdade e justiça social, com uma orientação socialista.

Rapper: O rapper é a pessoa que compõe e executa rimas, geralmente sobre uma batida (ou *beat*).